

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Iago Viotti Ramalho

**A MANIPULAÇÃO RETROATIVA NA INDÚSTRIA CULTURAL:
DE ADORNO A BOURDIEU**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Dr. Luiz Antônio da Silva Peixoto.

Juiz de Fora
2018

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Iago Viotti Ramalho, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201572024A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado A MANIPULAÇÃO RETROATIVA NA INDÚSTRIA CULTURAL: DE ADORNO A BOURDIEU , desenvolvido durante o período de 05/03/2018 a 28/11/2018 sob a orientação de Luiz Antônio da Silva Peixoto, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Iago Viotti Ramalho

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

A MANIPULAÇÃO RETROATIVA NA INDÚSTRIA CULTURAL: DE ADORNO A BOURDIEU

Iago Viotti Ramalho¹

RESUMO

Este presente artigo traz como seu objetivo principal promover um diálogo entre os conceitos de indústria cultural cunhado por Adorno e Horkheimer, explanado em “Dialética do Esclarecimento” (1944) e o de *habitus* de Pierre Bourdieu, tendo como base seu livro “Razões Práticas: sobre a teoria da ação” (1972). Com o intuito de trazer à tona uma outra explicação para a massificação cultural característica dos tempos modernos, sob a luz dos fundamentos sociológicos de Bourdieu, o trabalho aqui presente busca, de maneira mais palpável, apresentar os elementos que definem os conflitos ideológicos de classes que hoje aparecem difundidos pelo discurso massificado de ascensão ao status burguês.

PALAVRAS-CHAVE: Indústria Cultural. Habitus. Marx. Bourdieu.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objeto principal o indivíduo moderno e sua relação com o meio cultural. Desde o advento da mídia massiva, na época da segunda guerra mundial, a relação dos indivíduos com eles mesmos mudou drasticamente. O ambiente social tomou diferentes espaços e no decorrer do tempo até os dias de hoje a proporção se radicalizou drasticamente e, por conseguinte, a cultura também sofreu influência. Cultura, em termos gerais, é um apanhado de práticas, leis, moral, crenças e costumes entre outros aspectos de uma determinada sociedade. A partir dessa definição conseguimos entender como a mídia pôde influenciá-la. A facilidade com que os meios de comunicação de massa transmite informação permitiu ao capitalismo, além de disseminar práticas culturais, produzir sua própria cultura. Os meios de comunicação de massa a princípio passaram a ser veículos de informação para a sociedade. Uma vez estabelecida a credibilidade a indústria cultural toma seu espaço para o que lhe convém.

Partiremos, primeiramente, de uma análise econômica a fim de estabelecer o cerne do problema para, em seguida, observar as nuances da sociedade capitalista que permitem a manutenção do *status quo* de inexorável apatia das massas quanto ao arranjo social em vigor. Seguindo pela mesma proposta do instituto de pesquisa, quase um século depois, ainda com os mesmos conceitos tidos como válidos, busco mais uma vez traçar um diálogo conceitual para apresentar outra solução para a problemática do conflito ideológico de classes ainda existente, em seu estado mais radicalizado e difuso, dada a renovação dos aparatos tecnológicos durante esse percurso. Theodor Adorno, autor o qual será conferido maior atenção no presente artigo, elabora, já em 1985, o conceito de indústria cultural, em seu livro, no qual Max Horkheimer faz coautoria, Dialética do Esclarecimento, que é fundamental para o entendimento da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt e dará chão para percorrermos a discussão até o ápice do problema. Na obra supracitada, o sistema capitalista aparece como agente estruturador principal na constituição de uma indústria cultural. Esta, diferente do que o nome pode sugerir, diz respeito a um aparato psicossocial subjetivo que age de fora para dentro.

A ESCOLA DE FRANKFURT

Em primeiro momento, antes de começar a adentrar às questões do conceito do esclarecimento e sua crítica à radicalização da modernidade, é preciso compreender o contexto em que se viu necessária a criação da, atualmente conhecida, escola de Frankfurt. Período marcado por um clima de revolução e decepções históricas, o Instituto para a Pesquisa Social, como foi chamado no ano de sua fundação (1924), reuniu os intelectuais de diversas influências teóricas distintas da época de 1923 (tais como Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Herbert Marcuse) com o objetivo de traçar uma nova iniciativa de produção de conhecimento político, histórico, filosófico e sociológico pautada nas bases gerais dos escritos de Platão, Hegel, Marx, Heidegger e outros pensadores: a Teoria Crítica, como será conhecida posteriormente, isto é, uma incorporação do pensamento da teoria tradicional em choque com o presente.

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: iago.viotti@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr Luiz Antônio da Silva Peixoto.

Tendo como seus principais pilares a Crítica da Razão Pura de Kant (1781) e a teoria dialética Hegeliana incorporada pela teoria materialista marxista, a Escola de Frankfurt trabalhou suas produções acadêmicas com base na análise da luta de classes alemã, numa espécie de marxismo heterodoxo, possibilitando a criação de conceitos sociológicos que permeariam ideais até os dias de hoje.

UMA BREVE INTRODUÇÃO À TEORIA DA INDÚSTRIA CULTURAL

A partir dos desdobramentos da segunda guerra é possível atribuir o triunfo do capitalismo, como sistema econômico vigente, ao trabalho da indústria cultural e vice e versa. Para que tal fenômeno ocorresse era necessário o desenvolvimento técnico dos meios de comunicação e o foi feito. O rádio era, no dado momento, a voz do povo internalizada e reproduzida, ele cuidava da propaganda nazista e anticomunista, no entanto esse foi apenas o primeiro dos passos para atingir o que podemos observar agora do poder dos meios de comunicação como conservador do *status quo*.

A arte, nesse dado momento histórico, fora substituída pelo produto cultural para as grandes massas. O ritmo e a “violência” da sociedade industrial foram instaurados nos homens de uma vez por todas. Até mesmo os mais distraídos consumirão alertamente os produtos da indústria cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). Não só pelo embotamento do sentido dos trabalhadores causado pelo processo de produção de bens, mas pela fórmula de reprodução cada vez menos criativas da “arte das massas”. A indústria cultural fez um ótimo trabalho em arraigar seu fiel público.

Pois a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança. O cinema, o rádio e as revistas constituem um sistema. Cada setor é coerente em si mesmo e todos são em conjunto. Até mesmo as manifestações estéticas políticas opostas entoam o mesmo luvor do ritmo de aço (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 99)

Ela reproduz a realidade no seu mecanismo midiático criando assim no espectador uma certa identificação quanto à sua posição socioeconômica. Uma vez que a relação com as massas já foi estabelecida e, mais importante, reconhecida, a própria estrutura torna-se estruturante. Como um guru das massas, a indústria cultural cria um ciclo de incessante identificação e reprodução. Assim como uma criança desenvolve sua linguagem, arcajou gestual e visão de mundo a partir de seus parentes mais próximos, o indivíduo compartilha das mesmas experiências de aprendizado pelo mundo que o cerca, isto é, todo o produto cultural dos grandes meios de comunicação dos quais sua “família”, no caso os indivíduos que ocupam a mesma posição socioeconômica, estão inseridos.

Mas por que a sociedade continua a consumir esse tipo de produto? Existem algumas formas de explicar esse fenômeno. Primeiramente devemos levar em consideração o conceito de alienação que nos foi deixado por Marx, nele a classe trabalhadora, o principal alvo da indústria cultural e seus produtos, se vê destituída de sentido. Tendo sua vida, e toda sua produção alienada pelo sistema de produção capitalista e seus empregadores, ela sucumbe ao que lhe resta e é oferecido: a diversão. Ela é, nas palavras de Adorno:

O prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio. Ela é procurada por quem quer escapar ao processo de trabalho mecanizado, para se pôr de novo em condições de enfrentá-lo [...] Ao processo de trabalho na fábrica e no escritório só se pode escapar adaptando-se a ele durante o ócio. Eis aí a doença incurável de toda diversão. (1985, p. 113).

A indústria cultural, junto com o capitalismo cria o problema e, ao mesmo tempo, a “solução”. Os mecanismos midiáticos tratam naturalizar o trabalho alienado e dignificar os trabalhadores que, por meio destes, alcançaram o sonho (criado por estes mesmos mecanismos) de se tornar um homem “bem-sucedido” (ou um burguês). Cansados do desgastante trabalho de vender sua própria força de trabalho por um terço de seu dia a classe trabalhadora só precisa de um descanso mental e físico, o que a indústria cultural bem sabe, tratando de lhes oferecer todo o tipo de diversão possível. Essa diversão, que pode vir em formas materiais ou de serviços e experiências são, em geral, vendidas e então o trabalhador não consegue se livrar desse ciclo. Ele se diverte para poder aguentar seu trabalho enquanto que trabalha para poder pagar por sua diversão. A diversão torna-se, portanto, obrigatória e compulsiva.

É também, imprescindível lembrar que os meios de comunicação, tais como a televisão, o rádio, o cinema etc. são, em grande parte, apenas ferramentas de dominação da indústria cultural e que esses

setores são comandados por poucas pessoas que ocupam uma posição socioeconômica privilegiada e são essas pessoas que vão decidir o que as massas irão assistir por meio das ferramentas supracitadas. Não é que a arte genuína tem acabado, mas cabe ao mandante dos meios de comunicação decidir se isso chega às massas, dada a proporção que os meios de comunicação popular tomaram na vida das pessoas. Para uma maior visibilidade, o caminho mais fácil é agradar e conseguir passar pelo filtro de interesse da indústria cultural.

Outro apontamento importante no entendimento do fenômeno da alimentação retroativa da indústria cultural é que:

A análise feita por Toqueville verificou-se integralmente nesse meio tempo. 'A tirania deixa o corpo livre e vai direto à alma. O mestre não diz mais: você pensará como eu ou morrerá. Ele diz: você é livre de não pensar como eu: sua vida, seus bens, tudo você há de conservar, mas de hoje em diante você será um estrangeiro entre nós.' (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 110)

Isto é, num contexto de massificação cultural, no qual vivemos desde a explosão dos meios de comunicação, a individualização do ser é limitada por um conjunto de regras sociais predefinidos pelos possuidores dos meios de produção. O caráter coercitivo da indústria cultural e seus defensores é ao mesmo tempo opressor e subjetivo, poucos irão propositalmente criticar um indivíduo que escolher ser diferente, mas de maneira automática este mesmo será deixado de lado por questões de afinidade. Assim como na analogia do estrangeiro, será como se o indivíduo falasse outra língua, tivesse outros costumes causando estranheza aos fiéis da indústria cultural.

Ainda sobre os motivos pelos quais as grandes massas ainda se encontram presas nesse ciclo de retroalimentação cultural nociva, podemos analisar, por exemplo, os temas abordados nas produções fílmicas que são lançadas ao público: as famigeradas histórias -mirabolantes- de superação geram no espectador um sentimento de esperança. A crítica e o inconformismo pelo sistema são substituídos pelo anseio de se tornar mais um dos patrões.

Mesmo quando as pautas sociais parecem triunfar sob o ideal da população emancipando-a dos dizeres da mídia, ela não se demora em incorporá-las para si. Como um bom pai, a indústria cultural escuta o que o filho quer e provê. Tomemos como exemplo o período, não muito distante, de afastamento do consumidor da televisão por conta do conteúdo conservador que estava sendo passado. Com a explosão da visibilidade das pautas feministas e LGBT nos últimos tempos por conta da capacidade de disseminar de informação pela internet nas redes sociais, pudemos observar setores televisivos e de marketing mudando de estratégia a fim de não perder seus clientes. Foram incontáveis as vezes em que foi vista a bandeira com as cores do arco-íris nas propagandas mais recentes ou declarações feministas de personalidades mais famosas. Não se deve, portanto, negar a importância da atuação do indivíduo no processo da produção (e não só reprodução) da cultura, mas também deve-se tomar cuidado em como ela é incorporada pela indústria cultural e repassada para os que apenas a reproduzem. A indústria cultural não adere às tendências para estar a par do povo, mas para que o povo não deixe de estar a par dela. Não é sobre humanismo, mas sobre fechar o ciclo e não deixar que seus consumidores escapem pelos seus dedos.

A CONSTITUIÇÃO DO INDIVÍDUO COMO SER NO MUNDO X MASSIFICAÇÃO DA CULTURA

A maneira como os heróis são tratados nos filmes viram exemplo para os menos atentos. Toda a moral e ética que rodeia as ações do mocinho são inconscientemente incorporadas para o público de forma que, no ambiente social, tudo o que o indivíduo médio já assistiu ou ouviu na mídia refletirá em seu comportamento sem estranheza, afinal estão todos sob o mesmo espectro cultural. O cinema (e os outros meios audiovisuais) passam a ser, efetivamente, instituições de aperfeiçoamento moral, se a cultura serviu também para domar os instintos revolucionários e bárbaros, a cultura industrializada exercita o indivíduo na prática de sua condição inexorável (ADORNO; HORKHEIMER, 1985). A vida no capitalismo tardio é como um eterno rito de passagem no qual todos são forçados a constantemente -fingir- se encaixar.

Bourdieu explica de outra forma esse fenômeno em seu livro *Esboço de uma teoria da prática* sob o nome de *violência simbólica*, ela é materializada na forma de um conjunto e regras não faladas as

quais determinam o comportamento permitido dentro de certos grupos sociais que, uma vez legitimado, começa a não ser percebida como violência. Ela é, nas palavras do autor (1977, *apud* EAGLETON, T. In: ZIZEK, 1996, p. 224): a forma gentil e invisível da violência, que nunca é reconhecida como tal e é menos sofrida do que escolhida, a violência do crédito, da confiança, da obrigação, da lealdade pessoal, da hospitalidade, dos presentes, da gratidão, da piedade (...).

O autor sugere uma abordagem diferente para o problema da massificação da cultura, menos material e alienada em detrimento dos mecanismos linguísticos e subjetivos do homem. Através do seu conceito de *habitus* Bourdieu dá conta de separar a sociedade em campos sociais nos quais o *habitus* (ou gostos, como poderíamos vulgarmente chama-lo) se diferem de maneira a diferenciar classes e seus respectivos conjuntos de regras morais, anseios, interesses etc. Nas palavras do autor:

O *habitus* é esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas. Assim como as posições das quais são o produto, os *habitus* são diferenciados; mas também são diferenciadores. Distintos, distinguidos, eles também são operadores de distinções: põem em prática princípios de diferenciação diferentes ou utilizam diferenciadamente os princípios de diferenciação comuns. (BOURDIEU, 1994, p. 21)

Assim, de maneira geral, ele engloba as práticas e como o indivíduo as pratica, suas opiniões e como as expressa, o que consome e como consome de maneira a dar unidade a um grupo teoricamente semelhante, por meio da atribuição de *capital global* que o sujeito detém. A noção de capital, aqui, trata-se de uma ideia de Bourdieu, este divide-se em capital econômico e cultural (BOURDIEU, 1994). Entender o princípio gerador do *habitus* significa entender o porquê de expressão cotidianas como “isso é coisa de rico” ou “isso é coisa de pobre” são comumente reproduzidas pelos mais inocentes.

Bourdieu se aproxima dos intelectuais marxistas no que tange a problemática e seus desdobramentos quanto à massificação cultural, seu ciclo de alimentação retroativo e divisão de classes, mas se afasta no ponto em que a teoria de Marx e discípulos se baseia em grande parte nas relações econômicas de trabalho e história da luta de classes, na qual a ideologia tem grande papel (neste ponto Bourdieu não se afasta tanto, mas existem ressalvas a serem feitas). O sociólogo francês acredita que o termo ideologia seja demasiado vago para explicar com precisão o que mantém a sociedade num tipo de ordem social estável em que o poder e suas formas de dominação são naturalizados e inquestionados, ele, portanto traz para a sociologia moderna conceitos, que estruturam suas obras, como os já citados *violência simbólica*, *capital global*, *habitus* e outros como *doxa*, esta análoga ao conceito de ideologia, já que, para o autor, esta seria como algo inexplicável da experiência humana no qual só se aceita coisas sem sabê-las, mas não por alguma imposição externa, mas como um “vício” do pensamento (BOURDIEU, In: ZIZEK, 1996).

Se deixarmos as diferenças de lado, é fato que ambas correntes ideológicas concordam em seu fim. A teoria de *habitus* de Bourdieu não se explica por si só no início da problemática já que seu objeto de estudo habita um mundo onde rege o sistema capitalista fundado nas trocas e relações de trabalho. Os grupos sociais de Bourdieu são mais restritos e possuem mais características específicas em detrimento da teoria marxista (burguesia x classe trabalhadora), no entanto estas características são herdadas do efeito da indústria cultural nas massas e seu poder de compra. Bourdieu explica:

Objecção quase tão séria como a que consistiria em me contrapor ao fato de que os esportes nobres, como a equitação e a esgrima (ou no Japão, as artes marciais), já não são apanágio dos nobres como foram de início... Uma prática inicialmente nobre pode ser abandonada pelos nobres – e isso ocorre com frequência – tão logo seja adotada por uma fração crescente da burguesia e da pequena burguesia, e logo das classes populares; inversamente, uma prática inicialmente popular pode ser retomada em algum momento pelos nobres. Uma prática inicialmente nobre pode ser abandonada pelos nobres – e isso ocorre com frequência – tão logo seja adotada por uma fração crescente da burguesia e da pequena burguesia, e logo das classes populares; inversamente, uma prática inicialmente popular pode ser retomada em algum momento pelos nobres. Trata-se, portanto, em cada momento de cada sociedade, de um conjunto de posições sociais, vinculado por uma relação de

homologia a um conjunto de atividades ou de bens, eles próprios relacionamente definidos. (BOURDIEU, 1996, p. 17 -18, grifo meu)

Este fenômeno, quando pensado através da teoria frankfurtiana da indústria cultural parece ser indissociável, isto por que existe, de fato, relação direta com o aparato midiático do qual a indústria cultural dispõe para fazê-lo acontecer. O fetichismo da mercadoria, fenômeno no qual, por meio da relação social subjetiva do próprio trabalho do homem com o produto, como se fossem características objetivas de seu próprio trabalho, cria um jogo imaginário de valor social (e por conseguinte, econômico) do produto que irá definir em que posição irá ocupar na escala econômico-social (MARX, 2011). Este explica, portanto, o motivo pelo qual o conceito de *habitus* está diretamente relacionado com o produto cultural. Quando apresentado às massas de forma privilegiada pela indústria cultural, determinados produtos, serviços e até posturas passam a valer mais na escala social do *status*. Tanto a posse de capital econômico e capital cultural estão, portanto, ligadas à noção de fetichismo, e assim direcionando o público que estaria apto a consumi-los.

A MANIPULAÇÃO RETROATIVA CARACTERÍSTICA DA INDÚSTRIA CULTURAL

O triunfo da indústria cultural, como vemos, se dá, além da alienação, pela mimese compulsiva dos consumidores pela sua imagem reproduzida nas grandes telas e reconhecida por ele mesmo. Pela teoria do *habitus*, isto é, partindo de uma visão menos material e mais subjetiva dos motivos pelo qual o consumidor haveria de agir dessa forma, seria pelo seu capital cultural adquirido. Certos tipos de produtos da indústria cultural não fariam sentido para outro tipo de consumidor, uma vez que este é direcionado para outro público. Isto explica a manipulação retroativa característica da indústria cultural. O indivíduo com determinado capital cultural considerado de grandeza inferior não possui as ferramentas mentais para decodificar certos tipos de produtos culturais. De maneira mais simplista, é como dizer que um indivíduo de uma classe social mais inferior, e por isso, privado da arte erudita por não ser de seu convívio diário, não admira a grandeza, que os mais estudados, reconhecem numa sinfonia de Beethoven, e portanto, se não houvesse força maior que o tirasse desta inércia, nunca chegaria a admirar. E assim esse conceito pode ser aplicado para explicar as mais diversas esferas da sociedade e a aparente apatia dos indivíduos aos assuntos que requerem um esforço intelectual maior. Por motivos de força maior, a classe menos abastada está, portanto, condenada a viver nesse ciclo.

A classe trabalhadora, alienada pelo seu trabalho, pelo sistema capitalista e seu estilo de vida desgastante, é bombardeada com os produtos da indústria cultural sem dó. Se sua jornada de trabalho lhe toma um terço de seu dia, e outro terço é reservada para dormir, lhe sobra apenas mais um terço dele no qual ela se prepara para, no dia seguinte, enfrentar mais um dia de trabalho, assim como todos ao seu redor. É neste momento em que a indústria age:

Assim como os dominados sempre levaram mais a sério que os dominadores a moral que deles recebiam, as massas logradas sucumbem mais facilmente ao mito do sucesso do que os bem-sucedidos. Elas têm o desejo deles. Obstinadamente insistem na ideologia que os escraviza (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 110)

Podemos mais uma vez evocar o conceito sociolinguístico cunhado por Bourdieu de *violência simbólica* para explicar este fenômeno social: o capital cultural e econômico dos que propõe os produtos audiovisuais e serviços da indústria cultural são maiores dos consumidores medianos e portanto, como justificaria Bordieu, os receptores da mensagem são coagidos sutilmente a consumi-los, por exemplo, se numa novela uma parte do elenco, notavelmente mais pobre economicamente, realiza seu sonho de viajar para o exterior, este, inconscientemente, se torna o anseio dos olhares menos atentos da classe trabalhadora.

Este tempo que sobra para o trabalhador configura sua vida social. Essa, no entanto está impregnada com a cultura industrializada. Se o *habitus* é, para Bourdieu, a “história transformada em natureza”, ele, portanto se torna toda a internalização da moral e ética pregada pela cultura das massas uma vez que, através da mimese dos consumidores pelos produtos da indústria cultural o indivíduo ciclicamente se reconhece nas suas representações midiáticas e os segue fielmente como se os entendesse. O indivíduo só possui o ferramental cultural necessário para decodificar o que a indústria cultural os apresenta, e, por conseguinte a indústria cultural, por sua vez, os oferece mais do mesmo, afinal é justamente o que eles procuram. É aí que o conceito de *doxa* de Pierre Bourdieu se explica, esse:

pertence ao tipo de ordem social tradicional estável em que o poder é plenamente naturalizado e inquestionável, de modo que jamais possa ser imaginado um arranjo social diferente do existente. Nela, por assim dizer, o sujeito e o objeto fundem-se um com o outro de maneira indistinguível. O que importa nessas sociedades é o que 'é desnecessário dizer', que é determinado pela tradição; e a tradição é sempre 'silenciosa', inclusive sobre si mesma como tradição. (*apud* EAGLETON, In: ZIZEK, 1996 p. 223)

Desta forma a autoridade da voz da indústria cultural, naturalizada ao senso comum, se mantém firme. O consumidor mediano, sem perspectiva de outra forma sistemática de organização social, sucumbe à indústria dos sonhos e da diversão como única saída de sua realidade maçante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ambas teorias de *habitus* e da Indústria Cultural, e seus respectivos conceitos fundamentais, miram, afinal, na explicação do porquê de determinados grupos sociais dividirem-se por interesses e como eles se dividem, por meio da análise de aspectos culturais. Elas trilham o mesmo caminho, mas ao mesmo tempo, separadas. A teoria de Bourdieu por meio da sociolinguística e a marxista pelo viés econômico, elas, no entanto, não são excludentes. As divergências primeiras não são suficientemente alheias para obstruir o diálogo conceitual entre elas.

É inegável a influência do capitalismo tardio e de seus aparatos midiáticos na constituição do ser cultural nos dias de hoje, assim como na constituição de inconscientes culturais que estruturam os diferentes campos sociais (ou *habitus*). Assim como a indústria cultural e seus produtos têm grande influência na vida do trabalhador contemporâneo, logo ela tem também grande influência na maneira em que o trabalhador vive, desde seu gostos, anseios e ideais políticos e morais, até a maneira como se porta só ou socialmente.

A estimada emancipação pelos intelectuais marxistas da sociedade, no entanto, à ideia de Bourdieu, necessariamente deveria levar em conta a divisão mais acirrada das classes sociais propostas, uma vez que esse conceito lhe parece muito vago para definir a sociedade como um todo. A ideológica luta de classes, nos termos marxistas, lhe parece demasiada difusa em tempos em que as classes, não mais se divergem com tanta clareza dada a ideologia da ascense capitalista. Não há conflitos de interesse uma vez que a maioria acredita ter o mesmo interesse e se reconhece na mesma classe.

Referências

ADORNO, Theodor W, HORKHEIMER, Max. **A dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas, SP: Papyrus, 1996

ZIZEK, Slavoj. **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1996

MARX, Karl. **O capital**. Vol. 1. 2ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011